

A RESSIGNIFICAÇÃO DO TEATRO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR BRINCANTE: A LUDICIDADE E A BRINCADEIRA EM QUESTÃO

THE RECONSIGNIFICATION OF THEATER AND THE TRAINING OF THE PLAY TEACHER: PLAY AND PLAY IN QUESTION

Idamara Carvalho Siqueira¹
Ana Carla Hollweg Powaczuk²

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda e vê-los sentados e enfileirados em sala sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O artigo trata da relação entre brincadeira e ludicidade e a necessária resignificação do Teatro, nas práticas escolares. Para tanto, argumenta-se sobre a necessária formação do professor na perspectiva brincante. Nesse sentido, fundamenta-se em Kishimoto (2003), Brougère (2000), Vygostky, 2004, Gandhi Piorsk (2016), Spolin (2008), Siqueira (2020), Bandeira Souza (2015), Almeida (2019), a partir dos quais conceitualiza o lúdico, o brincar e a formação do professor brincante. Argumenta-se que pela brincadeira a criança pode fazer experiências que não ousaria na vida comum. O brinquedo possibilita entrada no mundo imaginário, e permite diversas formas de utilização, como também, possibilita a representação do real no momento em que a criança imagina objetos reais, fatos do dia a dia. O brincar torna-se fundamental tanto ao desenvolvimento cognitivo e motor da criança quanto ao emocional. Os sistemas teatrais aliados à ludicidade transformam o teatro em espaço propulsor de novas aprendizagens, pois alia prazer, emoção e representação. Nesse sentido, indica para a necessária formação do educador brincante, na direção de promover vivências lúdicas via teatro desencadeando processo criativo e impulsionador de novas práticas no contexto escolar.

Palavras-chave: ludicidade; professor brincante; formação docente; teatro.

ABSTRACT

The article deals with the relationship between play and playfulness and the necessary redefinition of Theater in school practices. To this end, it argues about the necessary teacher training from a playful perspective. In this sense, it is based on Kishimoto (2003), Brougère (2000), Vygostky, 2004, Gandhi Piorsk (2016), Spolin (2008), Siqueira (2020), Bandeira Souza (2015), Almeida (2019), from of which conceptualizes playfulness, playing and the training of the playing teacher. It is argued that through play children can make experiences that they would not dare to do in ordinary life. The toy allows entry into the imaginary world, and allows different forms of use, as well as enabling the representation of reality when the child imagines real objects, everyday facts. Playing

1 Doutoranda em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

2 Doutora, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

becomes fundamental to both the child's cognitive, motor and emotional development. Theatrical systems combined with playfulness transform theater into a space that promotes new learning, as it combines pleasure, emotion and representation. In this sense, it indicates the necessary training of the playful educator, in the direction of promoting playful experiences via theater, triggering a creative process and promoting new practices in the school context.

Keywords: *playfulness; joking teacher; teacher training; theater.*

INSERÇÃO TEMÁTICA

Muito se fala de brinquedos e brincadeiras nas escolas classificando-os segundo seu uso, objetos manipulados ou não e espaços em que ocorrem, nos contextos escolares. Mas o grande avanço neste tema está nas incorporações de ações como explorar o meio ambiente e o próprio corpo realizando teatras imaginativas, criadoras, poéticas com a cultura.

Nesse sentido, abordamos, neste trabalho, a relação entre brincadeira e ludicidade e a necessária ressignificação do Teatro, nas práticas escolares. Parte-se do estudo desenvolvido vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação, o qual tem como objetivo compreender as possibilidades da linguagem teatral como dispositivo na formação de professores brincantes nos anos iniciais, em uma escola de ensino fundamental de Santa Maria, RS.

Para tanto, argumentamos, inicialmente, sobre os conceitos de brincadeira, ludicidade e cultura em sua perspectiva histórica e sua relação com as práticas escolares. Na sequência, discutimos a ação brincante via o teatro, destacando a entrada no mundo imaginário, a qual permite diversas formas de utilização, como também, possibilita a representação do real quando a criança imagina objetos reais, fatos do dia a dia.

Por fim, argumentamos para a necessária formação do educador brincante, na direção de promover vivências lúdicas via teatro desencadeando processo criativo e impulsionador de novas práticas no contexto escolar.

1. BRINCADEIRA, LUDICIDADE E CULTURA

A brincadeira é um direito reconhecido pelas diferentes normativas e documentos orientadores dos currículos e práticas escolares: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) (Brasil, 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (Brasil, 2010), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017).

O direito apregoado pode ser observado como objetivo das Escolas tanto de Educação Infantil, como de Anos Iniciais, o qual tem sua operacionalização em brinquedos e brincadeiras. A brincadeira pode ser formal e informal, com regras ou com improvisações. Por sua vez, a ludicidade é um fenômeno histórico-social que envolve o prazer, brincadeira e tem evolução de conceitos e usos. Revisando o passado encontra-se a ludicidade como ações escolares em decorações de salas, como construção de móveis, formas de distração das crianças após o trabalho escolar, servindo como recreação, recentemente como prazer da ação (Redin, 2004).

Era encarada, a recreação, como mera desvinculação da aprendizagem. Entendiam que o tipo de brincadeira, recreação, dizia respeito à futilidade (no que concerne ao seu conteúdo), tomado por desnecessário e por isso, inútil. Este conceito foi reproduzido nas escolas e nas famílias. A recreação foi paulatinamente se deslocando para segundo plano e os estudos sobre a brincadeira surgem com mais destaque.

Kishimoto (2003) fala sobre os tipos de brinquedos e brincadeiras estruturados em brinquedos comprados mais ou menos sofisticados: brincar sem material algum. Recentemente surgiu estudos sobre o brincar de forma heurística (Piorski, 2016), isto é, aproveitando os materiais do cotidiano, da natureza e criando, imaginando situações, fantasiando a vida, dando visibilidade às culturas da infância.

Negrine (1994, p.20) afirma que “quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através da atividade lúdica”, produzindo culturas infantis. O brinquedo reproduz esta cultura nos tipos, nas formas, nas etnias, nos tempos, através do qual lhe será possível seu acesso e assimilação, num movimento dialético característico do processo de crescimento e amadurecimento. Nesse sentido, o brincar se apresenta como fundamental tanto ao desenvolvimento cognitivo e motor da criança quanto ao emocional.

Mas, segundo Brougère (2000), é pela brincadeira que a criança pode fazer experiências que não ousaria na vida comum. O brincar descomprometido, improvisado não impede que se veja nele um lugar de educação (Leite, 2005, p.1), como aponta a lei da Educação diz o RCNEI: “ao brincar, jogar, imitar, criar ritmos e movimento, as crianças se apropriam do repertório da cultura corporal na qual estão inseridas” (Brasil, 1998). O brinquedo possibilita entrada no mundo imaginário, e permite diversas formas de utilização, como também, possibilita a representação do real no momento em que a criança imagina objetos reais, fatos do dia a dia.

Aos poucos o reconhecimento desta interface trouxe um outro olhar para a educação, aprendizagem, teatro e as práticas escolares. Hoje brincadeira/ludicidade é desenvolvimento, expressão de sentimentos e emoções, identidade, cultura, ocorridos em diversas situações. É utilizado até mesmo fora da escola como para testes psicológicos.

A ação brincante envolve a ação da escola em suas diversas manifestações: uso do corpo, a música, literatura, teatro e, é visto como potencial para a educação.

2. A AÇÃO BRINCANTE NO TEATRO

A necessidade de representar é humana. Representar tristezas e alegrias fazem parte da vida, da consciência, fazem parte da escola. O teatro é uma linguagem, uma arte, uma forma de expressão e de comunicação própria do ser humano. No teatro realiza-se um jogo de faz de conta, onde a imitação de vida de animais e pessoas, imitação de fatos e fenômenos, toma conta da ação, em múltiplas formas de expressão humana (Siqueira, 2020).

Viola Spolin (2008) apresenta os sistemas teatrais aliados a ludicidades. Há prazer no teatro que se transforma em espaço propulsor de novas aprendizagens. A vivência lúdica do sujeito no teatro desencadeia processo criativo com a linguagem teatral, formadora em significados e significantes (Vygostky, 2004) constituindo-se em importante aspecto do desenvolvimento.

Através do teatro produz-se a consciência sensorial e se abre a porta para descobertas do corpo (Ramos, 2022; Garcia, 2002). Assim, o corpo ensina e aprende pelas manifestações, “[...] cria relações, comunicação verbal e não-verbal... cria situações expressivas quando dança, canta, representa, gesticula, imita” (Vianna; Castilho, 2002, p. 26) e também improvisa. Na interação com o outro, o aluno experencia e faz vivências. As ações diversificadas da situação cênica permeiam a exploração do próprio corpo e do corpo do outro (Bandeira; Souza, 2015).

O teatro como ludicidade é de livre expressão, embora com improvisação não isenta os acordos grupais, expressões individuais e coletivas que, no teatro contemporâneo manifestam-se com alegria e prazer, ressaltando o caráter lúdico.

A improvisação cênica divulgada por Viola Spolin (2008) recebeu práticas das mais variadas no mundo do teatro. Rompeu-se com o estruturado, reprodutivista e parte-se para a liberdade de expressão. A dinâmica enunciada surge a partir da relação que se estabelece no aqui e agora, com seus parceiros e com o seu ambiente externo-interno, relações que implicam intencionalidade, além de fatores aleatórios revelando intencionalidades, significados e significantes, novos códigos, novas aprendizagens. “A cena é constituída por uma complexa articulação entre diferentes sistemas de signos que não têm sentido absolutos em si mesmos, mas só adquirem significado uns em relação aos outros” (Almeida; Soares, 2019) e serve para além de seu aspecto de movimento corporal. A criança reconhece seu personagem, recria-o conforme seu entendimento e consciência, revivendo sentimentos e significados caros a si. Usando os gestos e o som, a criança desenvolve a comunicação, as capacidades de atenção, imitação, memória e principalmente imaginação de maneira lúdica.

Na importância e ênfase do protagonismo infantil no teatro, o papel é atribuído ao professor brincante. Este novo olhar implica em novas aprendizagens aos professores para compreender a complexidade da natureza infantil e favorecer o enriquecimento das competências imaginativas dos alunos por meio do lúdico.

3. A FORMAÇÃO NECESSÁRIA: EXPANSÃO DO QUE SER PROFESSOR/BRINCANTE

Na educação infantil, a regularidade da ação cria a rotina. A repetição para criar hábitos e atitudes é necessária. É reguladora do tempo e organização de espaços. Mas este conceito não deve dominar a ação, embora haja professores que não acreditem no brinquedo. Dizem que não é educativo, promovem a falta ou excesso deles, usam o brinquedo a brincadeira e jogos de forma forçados ou determinando horas para brincar. Ressignificar o brinquedo e brincadeira no viés do lúdico é tarefa e ação contemporânea visando o enriquecimento da ação para o processo de maturação, constituição de personalidade. O professor precisa usar o brinquedo para ampliar as vivências das crianças, desenvolver o pensamento, compreender papéis sociais, assim reconhecendo o protagonismo infantil.

O fazer teatral é um espaço propulsor de novas aprendizagens e experiências, para tanto é preciso reconhecer, como Brougère (2000), que a criança produz o que vive, age segundo o mundo que a rodeia. A brincadeira é uma das formas privilegiadas para isso e pode ser usada no teatro: Teatro Brincante.

A criança do gesto, do movimento do corpo, realiza a interlocução com o mundo, imersão onde conhece o próprio corpo vivendo com ele e além dele. As práticas pedagógicas de teatro brincante,

portanto, lúdicas, envolvem as atividades do corpo em novo olhar, a novidade, o improviso, a espontaneidade, a imaginação para que se torne agradável e prazeroso. “A formação lúdica deve possibilitar ao professor o conhecimento de si próprio, saber as suas limitações, desbloquear sua resistência e construir uma visão significativa sobre a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras para vida das crianças” (Bandeira; Souza, 2015). A ludicidade é um estado de espírito que se propaga pelo ambiente em jogos teatrais, imitação, criação de personagens, na imaginação de cenas.

Espera-se que esta mudança deva ser vivenciada na formação dos professores (Soares, 2021) como em as ‘histórias de corpo inteiro’ vividas pelas estudantes, futuras professoras em Minas Gerais, em que se reuniu no fazer pedagógico, releituras de teorias brincantes e imersão na prática pessoal e local (Alves, 2020).

A formação brincante (Almeida, 2019) do educador junta-se a necessidade de formação de saberes docentes (Tardif, 2002) que vê a criança como um ser de direitos e produtor de cultura, cognição e afeto, razão e emoção, pensamento e intuição de forma espontânea. Estes elementos devem estar presentes nos currículos de formação inicial, nas formações em serviço com continuidade. A formação do professor brincante exige a formação permanente (Pereira, 2015). Portanto, a visão defende a brincadeira livre e jamais dirigida. Este conceito transpõe-se para o teatro. Os termos brincar, lúdico, movimento, corpo, devem ser incorporadas pelo modo de ser e fazer o teatro, mediado pelo professor brincante. Defende-se e destaca-se esta formação especial para que o teatro tenha outra dimensão, seja motivo de felicidade e prazer.

CONCLUSÃO

A brincadeira é uma ação que precisa ser estimulada e a criança precisa ser motivada. Brincar implica troca com o outro, trata-se de uma aprendizagem social. Nesse sentido, a presença do professor é fundamental, pois será ele quem vai mediar as relações, favorecer as trocas e parcerias, promover a integração, planejar e organizar ambientes instigantes para que o brincar possa se desenvolver. Assim, o professor precisa assumir o papel de mediador nas oportunidades de ser brincante que se caracteriza como o novo em educação, e para isso necessita de formação de imersão no tema.

Ao agir como professor brincante no teatro permite reencontrar-se em seus canais de expressão. Desenhar fatos e fenômenos com seu corpo e do seu aluno, afirmando-se como ser humano é uma das oportunidades do teatro brincante, capaz de gerar ludicidade, alegria e prazer em representar, criar, improvisar e brincar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erick Matheus Lopes; SOUZA, Maria de Fátima Proença. Educação Infantil: adulto brincante, criança brincante. **Revista Científica eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, Ano VII, v. 15, n. 2, nov. 2019.

- ALVES, Daniel Cardoso. Por um pedagogo brincante: um olhar sobre o brincar. **Revista Programa de Pós-graduação - LICERE**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, set./2020.
- BANDEIRA, Priscila Oliveira; SOUZA, Priscilla Kézia Tavares de. **O lúdico e suas contribuições na Educação Infantil**. João Pessoa: UFPB, 2015.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BROUGÈRE, Gilles. O que é a Brincadeira? **Revista criança do professor de Educação Infantil**. Ministério da Educação, n. 31, nov. 1998.
- BROUGÈRE, Gilles **Brinquedo e cultura**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000. V. 3
- GARCIA, Regina Leite (org.). **O Corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedo e brincadeiras na Educação Infantil. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2010.
- LEITE, Maria Isabel. Educação estética e infância. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória: UFES, v. 11, n. 22, p. 94-105, jul./dez. 2005.
- NEGRINE, Airton. Aprendizagem e desenvolvimento infantil. Porto Alegre: Propil, 1994.
- PEREIRA, Diego de Medeiros. **Teatro na formação de professores da educação infantil**. Curitiba: Editora Appris, 2015.
- PIORKI, Gandhi. **Brinquedo no chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- RAMOS, Emanuel Nogueira. Ludos, Dioniso e o espelho: a ludicidade no teatro e a formação de professores. **Revista entreideias**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 115-154, jan. /abr. 2022.
- REDIN, Euclides. **Se der tempo a gente brinca**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.
- SIQUEIRA, Idamara Carvalho. **A linguagem teatral no AEE como prática de inovação interdisciplinar: narrativas de experiências de uma professora junto com alunos do ensino fundamental**. 2020. 127 p. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional) -Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2020.
- SOARES, Leticia Cavassana. **O Brincar na Educação Infantil: Enunciações docentes em um contexto de formação continuada**. Vitoria: Edifes, 2021.
- SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula: um manual para o professor**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. Percebendo o corpo. *In*: GARCIA, R. L. (org.). **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VYGOSTKY, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.